

Os impactos da importação de cebola europeia sobre as áreas de produção de cebola em Santa Catarina

Lucineia de Abreu ⁽¹⁾

Gabriel Bertimes Di Bernardi Lopes ⁽²⁾

(1) Acadêmica do Curso de Agronomia do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

(2) Professor Substituto Superior, Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Rodovia Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é analisar os impactos da importação de cebola europeia sobre as áreas de produção de cebola em Santa Catarina, com destaque para o desenvolvimento dos municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner. A pesquisa foi dividida em duas partes, sendo que primeiramente foi analisada a formação das áreas produtoras de cebola em Santa Catarina. Na segunda parte foram analisados os impactos da importação de cebola europeia. Conclui-se que a importação de cebola dos países europeus inibe a valorização da cebola catarinense, porém em anos em que há quebra de safra dos produtores de cebola catarinense, como vem acontecendo em anos consecutivos, a importação torna-se uma alternativa para a regulação dos preços no mercado interno, fazendo com que o produto chegue ao consumidor final com um preço acessível. A falta de organização dos produtores, o alto custo de produção e a baixa intervenção e incentivo governamental, tornam a cebola catarinense menos competitiva quando comparada com a cebola produzida na Europa.

Palavras-chave: Substituição de importações. Inovação tecnológica. Cebolicultura catarinense.

Abstract

The main objective of this research is analyzing the impacts of European onion's importation upon the production of onions in Santa Catarina, with emphasis on the development of the municipalities of Ituporanga and Alfredo Wagner. The research was divided in two parts, being firstly analyzed the formation of the onion producing areas in Santa Catarina. In the second part were analyzed the importation impacts from European onion from interviews using the involved parts in the production and business process from onions in Santa Catarina. Concluding that the onion importation in European countries inhibit the onions from Santa Catarina, but as is happening for many years now, the crop shortfall from onion's producers, the importation become an alternative to regularize the prices in the inside market, making that the product gets to the final consumer in an accessible price. The lack of organization from the producers, the high production cost and the low intervention and no incentive from the government, get the onion from Santa Catarina less competitive when compared with onions from Europe.

Keywords: Import replacement. Technological innovation. Onion production in Santa Catarina.

Introdução

A cebolicultura encontra-se entre as 3 principais culturas olerícolas do Brasil, tanto em volume, quanto em renda gerada. Anualmente são produzidas aproximadamente 1 milhão de toneladas. O consumo médio mensal fica em torno de 950 mil toneladas por ano, ou seja; a produção nacional de cebola seria o suficiente se não fossem as variações climáticas que ocorrem, fazendo com que essa produção variasse muito nos últimos anos (ISLA SEMENTES, [s.d.]).

Santa Catarina é o maior produtor do Brasil e por possuir altitude elevada e estações do ano bem definidas, favorece o cultivo da planta. A produção do Estado está estimada em 32,0% (Figura 1) da produção nacional (IBGE, 2015). Para a safra 2016, a área cultivada é de aproximadamente 19 mil hectares com a expectativa de colher em torno de 500 mil toneladas.

Entretanto mesmo com todos esses números a safra 2014/2015 foi abaixo do esperado, com perdas que chegaram a 80 mil toneladas em decorrência de um mau desempenho pós-colheita.

Figura 1: Representatividade municipal por área plantada para o ano de 2015.

Fonte: Gráfico adaptado de IBGE, 2016.



A principal razão está ligada às mudanças bruscas de temperatura na primavera e calor intenso, tudo acompanhado de fortes chuvas e em períodos prolongados prejudicando a formação dos bulbos. Foi nos três principais municípios produtores, Ituporanga, Alfredo Wagner e Aurora, que se registrou a maior incidência de doenças pós-colheita (EPAGRI, 2016).

Em Ituporanga, a produtividade média é de 30 toneladas por hectare, com o custo de produção médio de R\$8.500,00 por hectare. Ao longo dos anos a produtividade foi aumentando conforme o uso de melhorias nos métodos de produção, como a irrigação durante o processo produtivo, principalmente durante o plantio e desenvolvimento da produção, melhoria das variedades com introdução de variedades adaptadas a região e aumento da densidade do plantio devido a melhoria dos recursos de insumos e os descritos acima. Todos esses fatores possibilitaram ao Estado se tornar destaque na produção de cebola no país (AGUIAR, 2007).

Devido essas oscilações, abriu-se uma porta de entrada para a cebola estrangeira no Brasil, vindos de países europeus como a Holanda e a Espanha. Normalmente em anos produtivos e sem problemas climáticos, a produção anual de 1 milhão de toneladas seria o suficiente para abastecer o mercado interno, porém a cada ano a quantidade de cebola importada vem aumentando gradativamente. Em 2011, vieram desses países 20,3 mil toneladas a €\$0,09, um valor muito inferior ao praticado internamente. Em 2015 o volume importado foi de 37,4 mil toneladas a €\$0,56, cerca de R\$2,00, um preço

superior ao praticado no Brasil, que neste ano foi de R\$1,75 aproximadamente. O volume importado pode não parecer expressivo, mas a especulação gerada pelo preço praticado pelos países europeus fazem os preços internos estacionarem a níveis baixos e não desejáveis pelos produtores, gerando a cada ano reuniões para se buscar soluções para esse impasse (PEZENTI, 2012).

Em 2016, o volume importado foi expressivamente maior comparado a 2015, onde somente em janeiro a cebola vinda da Europa foi 11 vezes maior ao registrado no ano anterior. Esse alto volume comercializado pode ter relação com o fato de que a produção nacional teve uma queda acentuada na produtividade por causa de adversidades climáticas. No Alto Vale do Itajaí, onde estão situadas Ituporanga e Alfredo Wagner, a chuva se estendeu por vários meses devido a ocorrência do fenômeno climático *El niño*, e com isso o desenvolvimento da cebola ficou comprometido, com perdas que chegaram aproximadamente a 55%, quando o normal é de 20% (SALOMÃO, 2016).

Nos municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner o modelo de agricultura californiano, voltado ao agronegócio familiar, com uso intensivo do trabalho é o modelo predominante. Já na Holanda e na Espanha predomina o modelo de agricultura texano, mais capitalizado, com economia de escala e com uso intensivo de mecanização (GONÇALVES, 2008).

Os agricultores da região vêm modestamente se mobilizando faz alguns anos para que essa entrada de cebola da comunidade europeia no Brasil interfira o mínimo possível sobre os produtores, e não cause prejuízos, valorizando a cebola nacional.

Todos os anos é realizada uma reunião com representantes de vários municípios produtores de cebola, onde nela são discutidas alternativas para diminuir a preocupação dos agricultores quanto a essa questão. O Senace – Seminário Nacional da Cebola, discute durante 3 dias o assunto entre autoridades, técnicos e produtores. Uma das principais reclamações é a falta de taxas de imposto para a importação do bulbo, necessitando somente atender exigências sanitárias locais, o que é considerado pouco pelos produtores. Um exemplo é o alho, que possui uma taxa de 35% para entrar no país (NUNES, 2016).

Portanto o objetivo dessa pesquisa é analisar os impactos da importação de cebola europeia, principalmente holandesa e espanhola, sobre as áreas de produção de cebola em Santa Catarina. Para tanto foi necessário avaliar a especificidade do processo

de formação das áreas produtoras de cebola em Santa Catarina, concentradas, sobretudo nos Municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner.

O trabalho foi dividido em duas partes, sendo que primeiramente foi analisada a formação das áreas produtoras de cebola em Santa Catarina, com destaque para os municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner. Na segunda parte foram analisados os impactos da importação de cebola europeia, sobretudo holandesa e espanhola.

Esta pesquisa apoia-se no referencial teórico e metodológico da Formação Socioespacial (SANTOS, 2008), pois possibilita a compreensão das relações sociais e econômicas responsáveis pelas políticas públicas, que determinam na prática o desenvolvimento da cebolicultura catarinense.

A hipótese é que a ausência de barreiras alfandegárias para a importação de cebola europeia traz impactos negativos para as áreas de produção de cebola em Santa Catarina, porém no caso de quebra de safra torna-se uma alternativa positiva para o mercado consumidor brasileiro.

Assim, é possível entender como se deu a dinâmica de ocupação de terras, como a cebola chegou até as áreas que hoje são altamente produtivas e como a comercialização de cebola chegou aos patamares internacionais, visto que é uma planta olerícola de vida útil não muito longa, mas com muita capacidade de suportar viagens longas ao ser transportada da Europa para o Brasil, ganhando um grande mercado interessado em sua comercialização.

Material e Métodos

O estudo aqui proposto apoia-se em um referencial teórico e metodológico que possibilita a compreensão da formação das áreas produtoras de cebola em Santa Catarina, e suas relações com o mercado global do agronegócio.

Para tanto foi adotado a Formação Socioespacial (FSE) como o principal referencial teórico e metodológico nesta pesquisa, pois o espaço na totalidade social é uma matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado sócio-econômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais (SANTOS, 2008).

A pesquisa divide-se em duas partes. Na primeira parte é verificada a formação socioespacial das áreas produtoras de cebola em Santa Catarina, através das obras de Victor Antonio Peluso Júnior (1952) em “Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina”, e de Leo Waibel (1958) em “Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil”.

Peluso Júnior (1952) trata em sua obra da formação social e econômica da cidade de Ituporanga, quem foram seus primeiros colonizadores, como se acomodaram e o que faziam para manter suas famílias, seja no comércio ou nas lavouras, e como foi se dando a evolução de status de Vila para cidade de Ituporanga.

Leo Waibel (1958) analisa os “sistemas agrícolas” adotados pelos produtores da região do Município de Ituporanga, com base em três sistemas: sistema de rotação de terras primitivas, sistema de rotação de terras melhoradas e o sistema de rotação de culturas combinada com a criação de gado. Waibel (1958) também analisa a “Lei de Thünen”, teoria criada por um fazendeiro alemão para entender melhor quais fatores são decisivos na tomada de decisão do que plantar e qual sistema de produção adotar, à medida que aumentam as distâncias de seu ponto de comercialização, denominado “Estado Isolado”.

A segunda parte desta pesquisa analisa a importação de cebola dos países europeus e quais os impactos que essa comercialização pode causar aos agricultores das áreas de produção de cebola em Santa Catarina, com embasamento teórico nas obras de Christopher Freemann (1975), que trata das estratégias concorrenciais que empresas adotam para aumentar a competitividade e buscar liderança no mercado, de Inácio Rangel (1985), trazendo ao debate a teoria da dualidade brasileira e as políticas de substituição de importações adotadas, além de Raúl Prebisch e sua teoria da industrialização tardia. Também foram realizadas entrevistas com os principais atores envolvidos no processo de desenvolvimento da produção da cebola catarinense. Foram ouvidos 1 técnico, 1 político, 2 produtores, 1 comerciante e 1 empresa importadora.

O técnico entrevistado foi Daniel Rogério Schmitt, formado em agronomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina no ano de 1985, Mestre pela Universidade Federal de Santa Maria em 1994. Tem também formação complementar em mecanização agrícola realizado na DEULA - Deutsche Lehranstalt für Agrartechnik, na Alemanha. Atualmente, trabalha como extensionista na cidade de Ituporanga, na EPAGRI- Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural.

O político entrevistado foi Paulo César Rossi, vereador e secretário da agricultura na cidade Alfredo Wagner.

O comerciante entrevistado foi Ricardo Cunha, proprietário do Comércio de Cebolas Camillo nos municípios de Alfredo Wagner e Leoberto Leal.

Os produtores entrevistados foram Valdemar Lauro da Silva e Valdemiro Lauro da Silva, residentes em Alfredo Wagner e possuem uma produção grande e diferenciada das demais da região.

A Importadora Cantu, a qual possui um boxe na Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S/A- CEASA/SC foi a empresa responsável pela maior parte da importação de cebola da Europa (Holanda e Espanha), e Julio Cantu, diretor da empresa, concedeu um breve depoimento sobre como acontece a importação de cebola, o transporte e sua opinião sobre mercado atual de cebola no Brasil.

Fica caracterizado o método dedutivo, pois a partir de uma análise específica do desenvolvimento da cebolicultura em Ituporanga, chega-se a conclusões gerais sobre o mercado da cebolicultura em Santa Catarina e no Brasil, além de sua relação com o mercado global. Assim, parte-se de análises específicas para obtenção de conclusões gerais.

O desenvolvimento da cebolicultura catarinense

Há cerca de 20 anos, Ituporanga (Figura 2) vem se destacando das demais cidades produtoras de cebola por ser a maior produtora do país, seguido de perto por Alfredo Wagner, segunda maior produtora do Estado. Nesse período, a cidade ganhou destaque nacional pelas condições climáticas consideradas ótimas para o cultivo, onde ali as estações do ano são bem definidas com altitudes elevadas que chegam a 830 metros acima do nível do mar e clima frio, necessário para o bom desenvolvimento da cebola (FOLTRAN, [s.d]). O clima favorável permite o bom desenvolvimento de cultivares precoces, de ciclo médio e de ciclo tardio.

O plantio da cebola é em sua maior parte realizado pela agricultura familiar, onde as pessoas envolvidas no trabalho são em geral o pai, a mãe e os filhos da família, com a contratação de trabalhadores temporários apenas nos dias em que o trabalho é mais intenso no plantio e na colheita da cebola, no qual esses trabalhadores são pagos por dia trabalhado (diaristas). O plantio em sua maioria é feito manualmente, onde as mudas são semeadas em canteiros e depois de prontas, quando atingem entre três e cinco folhas, são transplantadas para o local definitivo onde irá completar seu desenvolvimento. Na última década, vem aumentando gradativamente o número de lavouras feitas através do plantio direto, realizado com adaptação da semeadora de

hortaliças. A colheita é armazenada em galpões e ali podem ficar por até seis meses se a sanidade da cebola for boa. Os galpões tem ventilação natural com orientação norte-sul (FOLTRAN, [s.d]).

Figura 2: Mapa de Localização de Ituporanga.

Fonte: Uneagro- SC.



Atualmente, Ituporanga é responsável por 12% do abastecimento nacional de cebola, no qual o bulbo é cultivado em cerca de 4.600 hectares, resultando em aproximadamente 110- 120 mil toneladas anuais. No município a semeadura da cebola inicia em abril e vai até junho, e a colheita inicia em outubro e encerra em dezembro, porém a armazenagem pode chegar até o mês de maio, no qual o abastecimento para o mercado nacional é feito de forma escalonada, garantindo a qualidade reconhecida do produto do município. Há cerca de 1.100 agricultores, como citado acima em sua maioria de agricultores familiares, envolvidos na produção de cebola e contratação anual de aproximadamente 1.500 trabalhadores temporários (PREFEITURA DE ITUPORANGA, 2016).

Segundo Peluso (1991), a colonização de Ituporanga foi iniciada em meados de 1912, onde há o registro dos primeiros moradores que chegam a Vila, vindos da colônia de São Pedro de Alcântara. Inicialmente as famílias construíram suas moradas a beira do rio Itajaí do Sul, onde estas sofreram ataques de indígenas que ali habitavam, porém depois deste ataque as autoridades moveram a tribo para as margens do Rio Itajaí do Norte. As famílias pioneiras na região eram oriundas da Alemanha e da Rússia, sendo estas que introduziram o cultivo da cebola na cidade, porém de forma tímida, visto que

a ocupação da cidade foi motivada pela economia, pela renda das famílias. As mais abastadas financeiramente habitavam as margens do rio e viviam basicamente do comércio, e as mais pobres ocupavam terrenos mais afastados e de difícil acesso. Essas terras eram ocupadas por lavradores com um empecilho que era o transporte das mercadorias. Porém, mesmo com a dificuldade, a vila formada é dependente do meio rural, onde sua principal atividade inicial foi a atividade industrial.

Dois fatores atuaram fortemente para que a vila ganhasse status de cidade de Ituporanga: a ampliação da malha rodoviária e o aumento da população. Com a facilidade de trazer produtos de fora e levar os produtos da cidade para fora, o comércio da cidade se baseava na venda dos produtos disponíveis para os lavradores e também da compra dos produtos das lavouras da cidade. A principal atividade era exercida pelos chamados “mercadores de suínos”, depois vinha a comercialização de outros produtos agrícolas como cebola, batata, mel entre outros. Toda a economia da cidade é baseada na economia agrícola, as indústrias são dependentes da agricultura da região, a prova disso foi a expressiva produção madeireira, onde na década de 40 há registro de dezenas de serrarias em funcionamento. A atividade agrícola então, com este crescimento da população se viu diante de outra dificuldade, naquela época, culturalmente se explorava um pedaço de terra e no outro ano este era deixado em pousio e se cultivava outra área, mas com o crescimento da população, começou a faltar espaço para a prática da rotação de terras (PELUSO, 1991).

Este fato vai de encontro ao relato de Waibel (1958), sobre como se deram os modelos de sistemas agrícolas. Peluso (1991) apontou a falta de espaço para a prática da rotação de culturas na cidade de Ituporanga, o que leva a crer que os primeiros lavradores que lá chegaram tinham o uso do espaço físico da cidade “a vontade”, podendo sim realizar a rotação de terras, mas conforme a população crescia, o espaço diminuía e a rotação de terras foi tornando-se inviável, não havia mais onde plantar. A partir disso, leva-se a pensar que os lavradores que lá residiam, tinham como sistema agrícola o sistema de rotação de terras primitivas, porém, não com a intensidade que Waibel (1958) discute em sua publicação, caminhando para uma rotação de terras melhoradas, levando-se em conta o bom desenvolvimento que a cidade obteve no decorrer dos anos.

Peluso (1991), não relata casos na cidade de esgotamento total de terras, apenas a falta de espaço, levando a crer que houve ali um início de rotação de terras primitiva, mas que logo foi substituída pela rotação de terras melhoradas. Waibel (1958) aponta

que depois de abertas grandes áreas de produção, onde a mata ou a capoeira era retirada, a população crescia e são construídas melhorias como estradas para a passagem de carroças levando a produção até a cidade para ser comercializada, e também as técnicas utilizadas na produção tiveram melhorias. Nas cidades, novos estabelecimentos surgem a partir dessa facilidade do escoamento da produção do campo para a cidade.

As culturas primitivas continuam a serem cultivadas, mas já se inicia a introdução de novas culturas oriundas de outros países. A tração animal começa ser utilizada nesse sistema de cultivo, com o uso de cavalos ou junta de bois, que movimentam o arado, também, ferramenta introduzida pelo sistema de produção. A criação de gado combinada com a rotação de culturas aparece num terceiro estágio.

Pode- assim, dizer que Ituporanga passou pelos três estágios dos sistemas de produção, começando por sistema de rotação de terras primitivas até o início da década de 40, onde se fazia uso da terra até certo nível de esgotamento da mesma, passando então, ao sistema de rotação de terras melhoradas, por falta de espaço devido ao crescimento da população na cidade na década de 40, no qual a rotação era feita, porém o tempo para isso foi reduzido, a produção aumentava devido as melhorias produtivas que visava este sistema.

Atualmente, Ituporanga se mostra altamente produtiva, levando a crer que a cidade passou a um terceiro estágio dos sistemas produtivos, passando da rotação de terras para a rotação de culturas incluindo a criação de gado.

Nesse sistema, o lavrador usa muito a tração animal para lavrar suas terras, fazendo uso de mais animais por propriedade, em consequência, sobra o esterco produzido por esses animais para usar na fertilização das lavouras, melhorando a qualidade do solo e dos cultivos ali plantados. Com essas melhorias, faz-se mais de um cultivo numa mesma área, plantam-se as culturas trazidas pelos primeiros colonos, após usa-se o rodízio de plantio de alguma forrageira seguido do plantio de verduras (WAIBEL, 1958).

O modo de comercialização dos produtos cultivados pode ser discutido pela Lei de Thünen. Esta lei tem a intenção de explicar como se dá a comercialização de produtos agrícolas conforme elas se situam no espaço. A intenção da Teoria de Thünen era esclarecer para ele mesmo e para outros fazendeiros se ele continuaria num sistema que já se praticava a muito tempo (três campos com rodízio de culturas e pastagens) ou se adotaria o novo sistema (cultura alternada de cereais e raízes) (WAIBEL, 1958).

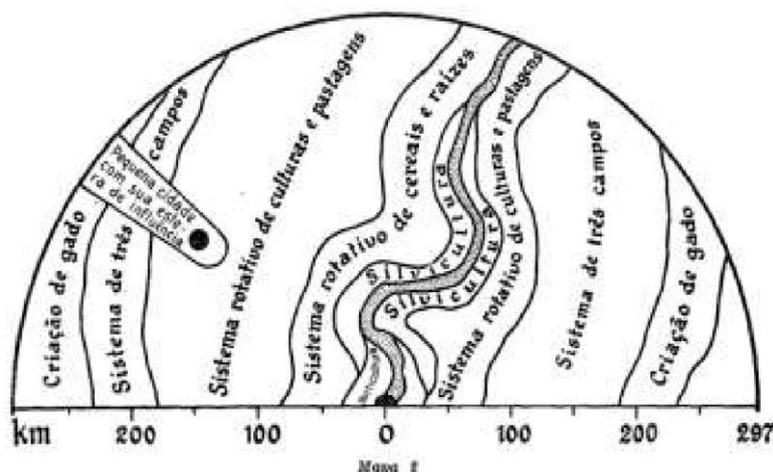
Essa teoria visa mostrar que a economia de um país pode se desenvolver de formas bem diferentes, mesmo que se encontre em condições naturais idênticas, e que nessas condições essas diferenças se dão pela distância da origem da produção agrícola e do local de comercialização desses produtos, pelo modo de produção adotado, sendo cada forma de economia esquematizado em forma de anel (Anéis de Thünen) (WAIBEL, 1958).

Thünen propôs um mapa (Figura 3), no qual o Estado Isolado fica as margens de um rio e influencia uma cidade menor, e por este fato há mudanças na conformação das faixas, propondo que o custo de navegação fluvial ficaria em torno de um décimo do valor do transporte terrestre.

As faixas de da horticultura, silvicultura e sistema rotativo de cereais e raízes, situavam-se em faixas estreitas ao longo do rio. A faixa do sistema de rotação de culturas e de pastagens seguia a linha do rio, porém a largura da faixa era muito maior e ocupa maior parte do mapa, enquanto que o sistema de três campos e a criação de gado vão diminuindo e por fim desaparecem. A cidade menor que está inserida no sistema tende a desenvolver seus próprios círculos de influência, porém, os preços ainda são influenciados pela cidade maior. Neste modelo, o clima não pode ser desconsiderado do sistema. O modo mais intensivo no qual a terra é utilizada se dá nas faixas mais próximas ao rio, assim como no primeiro modelo, diminuindo conforme as faixas vão se distanciando do centro e se aproximando das fronteiras do estado (WAIBEL, 1958).

Figura 3: Mapa proposto por Thünen para o Estado Isolado orientado pela presença de rede fluvial.

Fonte: Waibel, 1958, p. 103.



Ituporanga se encaixa na descrição do mapa da Teoria de Thünen, onde a cidade não é totalmente isolada, sendo esta cortada por um rio e, na evolução da sua colonização, foram abertas estradas que ligavam a outras cidades o que facilitava o transporte dos produtos da agricultura de Ituporanga.

Como descrito por Peluso (1991), próximo a cidade a produção era voltada a olericultura, sendo ali produzidos verduras e a cebola, pela facilidade de chegar ao comércio local.

Ituporanga começa a sua colonização ocupando sua extensão as margens do rio, explorando as áreas ali próximas para a agricultura, e com o passar dos anos ia-se explorando áreas mais afastadas das margens dos rios.

No início da colonização percebia-se uma exploração mais intensiva as margens do rio que por sua vez é próximo ao centro da cidade, que como já dito facilitava a comercialização do produto.

Com o passar dos anos, com estradas abertas facilitando o transporte, e com a riqueza de nascentes encontradas, toda a extensão da cidade foi sendo explorada de forma intensiva.

Os impactos da importação da cebola europeia

Freemann (1975) aborda as diferentes estratégias concorrenciais, mostrando que através delas e das tecnologias empregadas pode-se buscar a liderança de mercado, rompendo barreiras de comercialização. As estratégias concorrenciais que podem ser adotadas pelas empresas para aumento da competitividade e busca pela liderança no mercado são as estratégias ofensivas, estratégias defensivas, e estratégias imitadoras. Essas estratégias são capazes de realizar inversão de tecnologia, pautada por grandes investimentos em pesquisa e inovação.

Na região (Ituporanga e Alfredo Wagner), vem se notando a falta de uma estrutura de mercado para fazer frente ou mesmo competir com o mercado europeu de cebola.

No Brasil a inversão de tecnologia apoia-se na aquisição de pacotes de tecnologia aberta para o desenvolvimento de inovação a partir de inovações já realizadas no centro do sistema, características estas das estratégias concorrenciais defensivas. Também é muito comum no país a compra de pacotes de tecnologia fechada, beneficiando-se da replicação tecnológica, fruto de estratégias concorrenciais imitadoras (FREEMANN, 1975).

Através de políticas de substituição de importações o Brasil vem invertendo tecnologia e buscando romper barreiras de comercialização. Na quarta dualidade, fruto das políticas de substituição de importações, a exemplo dos Planos Nacionais de Desenvolvimento para a Agricultura, ocorre um aumento no intercâmbio com o exterior. Neste período vai se consolidando a industrialização brasileira e o desenvolvimento do Departamento Industrial I, contribuindo diretamente com o desenvolvimento do capitalismo no campo e o processo de mecanização agrícola (RANGEL, 1985).

Além disso, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) oferecia linhas públicas de créditos, onde assim o estado oferecia meios de driblar a crise presente no momento, fomentando a economia interna no país. Essas medidas tiveram como resultados a queda da inflação de 88,4% para 15%, taxa de crescimento industrial de 0,2% para 12% e crescimento do PIB de 2,8% para 11,3% (RANGEL, 1985).

O que se observa hoje (11/11/2016) no Brasil a taxa de câmbio é alta, onde 1 dólar comercial custa R\$3,49 e 1 euro comercial custa R\$3,79, e ainda assim as importações seguem crescentes. A cebola europeia não tem a entrada no Brasil inibida por este fato.

Santa Catarina tem a maior produção de cebola do Brasil como aponta dados do IBGE (2016). De acordo com Schmitt (2016), com o passar dos anos, levando em conta o período que compreende 2007 a 2015, a área plantada vinha aumentando até 2010 quando atingiu um total de 22.000 hectares plantados, e atualmente a área plantada é de 20.000 hectares.

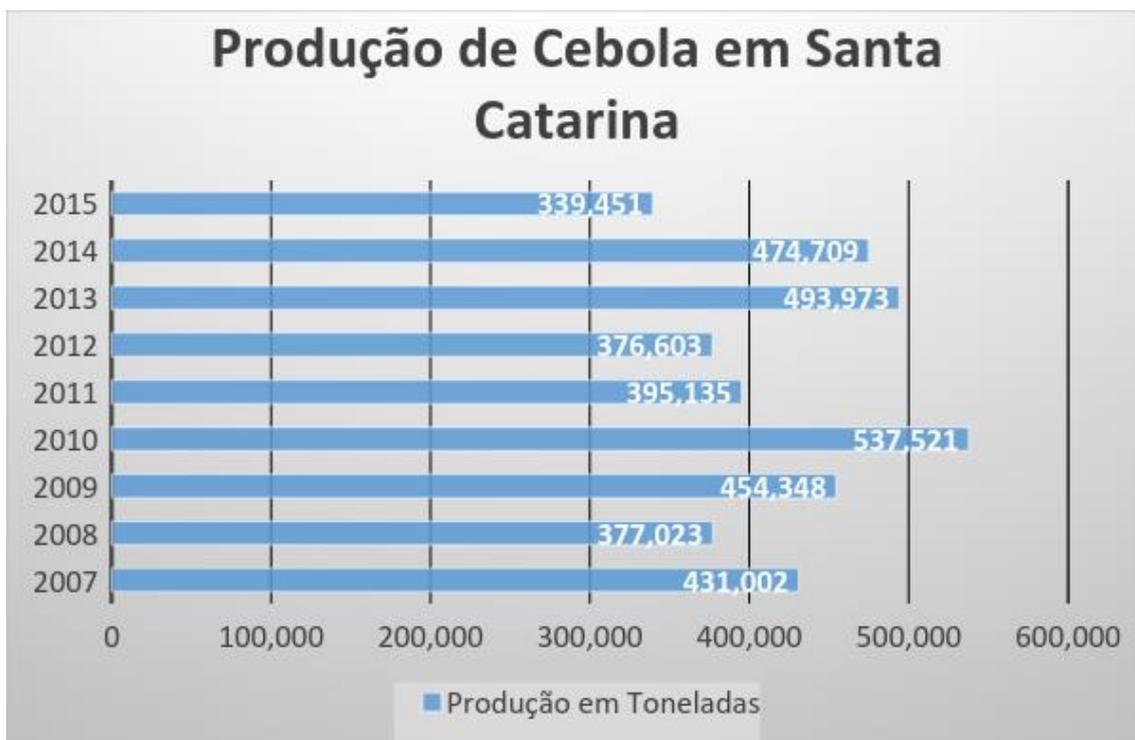
A maior produção foi alcançada em 2010 onde ultrapassou a marca 500.00 toneladas produzidas (Figura 4), e em 2015 o pior resultado registrado no período de estudo, com uma produção de pouco mais de 300.000 toneladas. Proporcionalmente a produtividade foi muito menor do que a redução de área produzida.

Nos últimos anos, a importação de cebola vem crescendo com a falta do produto interno no Brasil. Primeiro a importação teve início com países da América do Sul, com fronteiras próximas como a Argentina.

Mas com a constante diminuição da produção, o mercado Europeu começou a ser explorado e a cada ano a importação de cebola de países como Holanda e Espanha vêm ganhando espaço no mercado brasileiro, causando preocupação aos produtores da região do Alto Vale do Itajaí, principal área de produção de cebola do estado.

Figura 4: Produção de cebola de Santa Catarina.

Fonte: Gráfico adaptado de Schmitt (2016).



A cebola europeia chega ao Brasil através de navios, saídos dos principais portos europeus. Um dos principais pontos de saída é o Porto de Roterdã na Holanda. Júlio mostra como se dá a importação da cebola europeia: “Nós trazemos a cebola que importamos sempre em contêiner refrigerado, já vem refrigerado de lá, ela vem amarrada nos pallets, com uma redinha que eles colocam lá na cebola, sabe, o saco vem em saco normal como esses que nós trabalhamos aqui. O único de lá é que vem um pouco mais suja, um pouco mais de palha na cebola, pra ela ter mais resistência. Mas ela vem numa temperatura entre 2°C e 5°C. Ela desembarga no Porto de Santos ou no Porto de Itajaí, tendo o volume maior em Santos, porque Santos desembarça mais fácil, visto que em Itajaí tem mais burocracia. Normalmente a gente traz por Santos. São várias empresas que vendem para o Brasil, já que o volume de produção lá é muito grande, produzem o ano todo, só que aqui no Brasil trazemos quando dá a entre safra”.

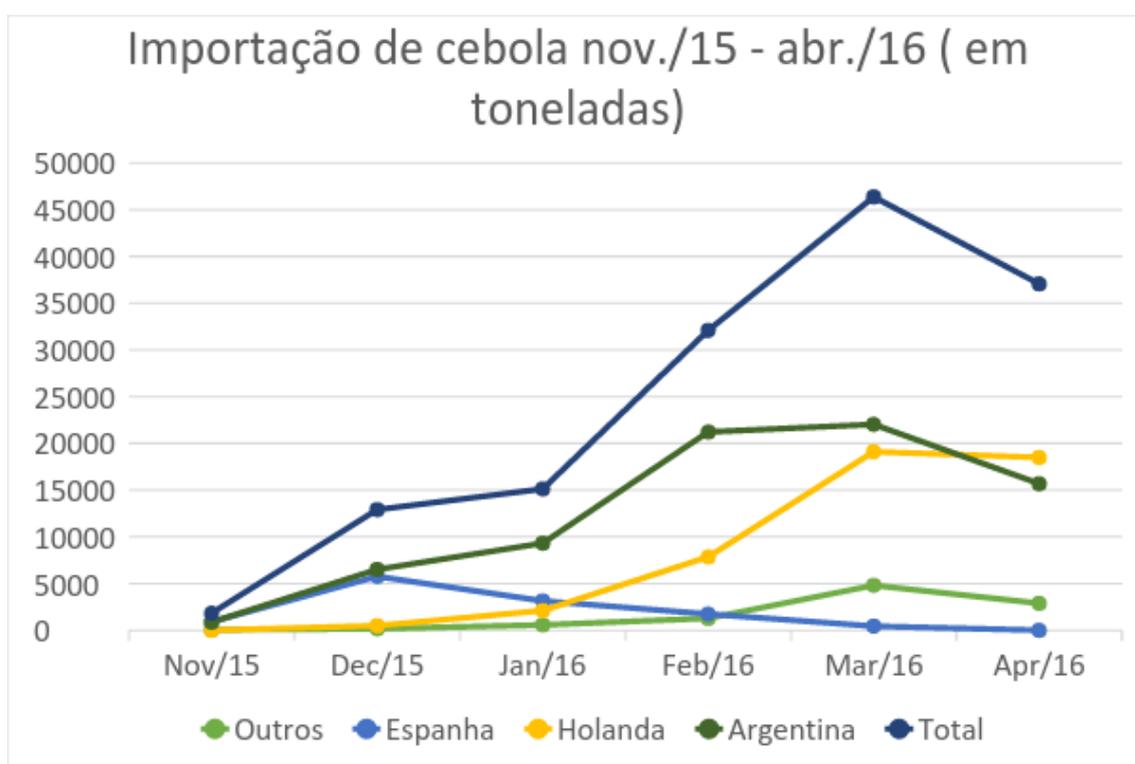
Segundo Daniel Schimidt, Extensionista Rural no Escritório Municipal de Ituporanga e Coordenador da Câmara Setorial de Cebola de Santa Catarina: “O frete marítimo da Holanda para o Brasil é relativamente barato uma vez que muitas frutas brasileiras são exportadas para a Holanda. É que a Holanda é o maior importador de

frutas brasileiras, pois revende para outros países da Europa. Assim o frete de retorno de containers refrigerados fica mais barato”.

Na safra 2015/2016 a importação da cebola holandesa foi maior que a importação da cebola argentina (Figura 5), sendo que a cebola argentina tem facilidade de transportes por fazer fronteira com o Brasil. A Holanda precisa de um transporte muito mais especializado, visto que esta chega de navio ao Brasil, assim o custo de transporte é muito maior. Mesmo com esta condição vem se registrando cada vez mais a entrada do produto holandês no país.

Figura 5: Importação de cebola no período de novembro de 2015 a abril de 2016.

Fonte: Gráfico adaptado de Schmitt (2016).



Em 2014, de acordo com estudo realizado pela CEPA- Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri, já apontava a preocupação dos produtores com a importação europeia: “No momento a preocupação dos produtores catarinenses é com a possibilidade de importação de cebolas da Europa no período de comercialização da safra do sul do Brasil. Os exportadores holandeses apontam o Brasil como uma possibilidade e as ofertas do produto já ocorreram. Além disso, a safra dos maiores produtores europeus, como Holanda e Espanha, será maior que no ano passado, quando

os problemas climáticos reduziram a produção, e conseqüentemente, as exportações” (CEPA, 2014).

A Holanda vem tomando a dianteira devido a tecnologias investidas na produção de cebola conseguindo maior produtividade por hectare, o custo de produção é pequeno, assim como os custos com processamento e transporte são baixos. Fazendo-se uma rápida comparação com a região de produção de cebola em Santa Catarina, dando enfoque aos municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner, o nível tecnológico investido ainda é muito pequeno, o custo de produção é alto comparado ao da Holanda e os meios de transporte tem um custo muito alto, sendo esta transportada por via terrestre com caminhões. A maior parte da produção holandesa, não fica no país, mais de 2/3 da produção é exportada (HOA, 2016).

A produção de cebola na Europa, assim como em Ituporanga e Alfredo Wagner, é composta por propriedades de agricultura familiar, mas as semelhanças ficam por aí. Na Europa, o nível tecnológico empregado é muito maior de acordo com relato de Júlio Cantu, diretor de importações da Importadora Cantu: “Eu já estive na Holanda, lá é tudo mecanizado, a tecnologia deles é outra, totalmente diferente daqui do Brasil, aqui tem muito morro, eles não plantam mecanizado como eles plantam lá na Holanda. Lá se planta 100 hectares de cebola, ele a mulher e o filho, é tudo mecanizado. Eles vão com a máquina na lavoura, já vão colhendo e já vai beneficiando e ensacando e já vai saindo da lavoura. É bem mais avançada a tecnologia do que aqui, por isso que o volume deles é muito grande, é fácil de produzir”.

Todo o processo é realizado de maneira rápida, com ressalvas de que o relevo permite esse manejo com extrema facilidade, por serem terrenos planos. Quanto ao manejo da lavoura da região do Alto Vale a produção ainda é muito dependente de mão de obra, aqui ao contrário do que acontece na Europa, as áreas produzidas são muito menores, e ainda assim, há necessidade de contratação trabalhadores temporários. Todo o processo de produção tem auxílio de algumas máquinas agrícolas, no preparo do solo para o plantio e no escoamento da produção, mas todas as etapas, plantio, colheita, beneficiamento, ainda são dependentes de mão de obra, em parte devido ao relevo ser muito acidentado, as áreas de produção são irregulares quanto à declividade dificultando o uso de algumas máquinas. Algumas empresas vêm em ritmo de experimentação testando algumas máquinas e implementos para o relevo da região.

Essa diferença nos sistemas de cultivo da Europa e do Brasil pode ser contextualizada por Prebisch ([s.d.]), onde ele denota que o desenvolvimento

tecnológico e o emprego de uso de tecnologias na agricultura tem como consequência o aumento da produtividade por homem, como aconteceu na Europa e países desenvolvidos. Conforme se progride no desenvolvimento de processos tecnológicos, maior a renda líquida. Ao passo que nos países subdesenvolvidos o nível tecnológico é menor, por conseguinte a produtividade por homem é menor.

Já que o Brasil vem passando por anos consecutivos de perdas expressivas na produção por problemas climáticos, um dos meios de suprir essa falta de oferta foi através de substituições de importações. Conforme relato de Ricardo Cunha: “A gente teve dois problemas climáticos seguidos. Primeiro um ano seco e depois outro com chuva demais, por isso que eles já abaixaram o preço, de US\$ 8.00 para US\$5.00, ou R\$ 16,00. Custa em média R\$ 9,00 por saco de 20 quilos para importar a cebola, mais impostos e despesas de porto, então R\$ 25,00 é pouco, comparado ao custo de produção que tivemos aqui”.

Ou seja, a cebola europeia chegava ao Brasil no valor US\$ 5,00 o saco de 20 quilos, mais despesas com taxas de importação e portuárias, mas o preço compensava a falta que havia no mercado interno. Caso não houvesse a cebola europeia, o preço final do produto ao consumidor ficaria muito alto, e inibiria o consumo, como afirma Valdemar Lauro da Silva, produtor de referência em Alfredo Wagner e Ituporanga com produção em SPDH (Sistema de Plantio Direto de Hortaliças): “Não é justo o consumidor pagar uma fortuna por um quilo de cebola quando não tem, seria justo tabelar um preço, acima daquele preço aí sim a cebola importada entrar”.

O câmbio alto não vai inibir a entrada da cebola europeia no Brasil pelo fato do baixo custo de produção obtida lá, enquanto aqui no Brasil o custo de produção ainda é alto. A Europa se mantém a frente na concorrência por ter o poder de abaixar o seu preço de comercialização e ainda assim obter certo lucro na produção. A produção dos municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner este ano tiveram um aumento no custo de produção de cerca 40%, o que pode ocasionar a perda de margem de lucro ao produtor, conforme aponta Ricardo Cunha: “Nós tivemos no custo de produção um aumento de 40% de média, esse 40% seria a margem que o nosso produtor teria pra poder vender mais baixo ou num preço igual pra igualar com a deles e com isso não vai acontecer”.

Com a regularização do trabalho no campo, a mão de obra ficou valorizada, e com isso o valor pago aos trabalhadores temporários ficou elevado, e conseqüentemente aumenta o custo de produção ao final da safra (FOLTRAN, 2016).

A Holanda possui uma associação de proporções grandiosas, a Associação da Cebola da Holanda – Holland Onions Association- faz parte de um Comitê de Produtos Frescos, que se trata de uma organização da cadeia holandesa para as empresas que atuam na produção de alimentos. Este comitê tem seus esforços voltados para a promoção da competitividade no setor de frutas e produtos hortícolas, e a associação citada é voltada para a promoção e melhoramento da cebola no mercado interno e externo. Mais de 90% dos produtores de cebola fazem parte desta associação, onde de uma produção de 1.3 milhão de toneladas produzidas, 1 milhão é exportada para outros países, incluindo o Brasil (HOA, 2016).

A Holanda através desta associação vem privilegiando a adoção de estratégias de mercado ofensivas, investindo em pesquisas em melhorias na qualidade do bulbo, na aparência, na produtividade e na comercialização, e vem apresentando resultados expressivos, com crescente presença da cebola holandesa no Brasil e no mundo.

A marca de 90% dos produtores em uma associação mostra a força do produtor, a organização do país e dos produtores, além da busca pela liderança do mercado. Esta associação, unicamente, tem o caráter de promoção e melhoramento de seu produto, a comercialização a nível internacional se dá com várias empresas envolvidas.

O mesmo não acontece no Brasil, falando especificamente dos municípios de maior produção em Santa Catarina, não há registro de nenhuma associação ou cooperativa dos produtores de cebola da região, a comercialização se dá somente de forma individual, cada produtor vende sua produção para um comerciante local e este fica responsável pela distribuição pelo país.

A Epagri vem investindo a alguns anos no melhoramento da cebola na região, Ituporanga conta com uma Estação Experimental buscando variedades mais adaptadas ao clima e ao solo da região, resistentes a doenças específicas, onde hoje 90% das variedades de cebola utilizadas na região são oriundas de melhoramentos e adaptações da Estação Experimental de Ituporanga (EPAGRI, 2014).

A Epagri sozinha não consegue encontrar caminhos para fomentar a produção de cebola na região. Ambos os entrevistados apontam que o governo fica aquém de suas possibilidades a respeito de políticas públicas que possibilitem aos produtores de cebola uma garantia de sua produção. No Brasil, ainda não há uma garantia de venda do produto, nem mesmo uma garantia de preço mínimo da produção.

O setor agrícola da Europa e Estados Unidos obtêm forte protecionismo e subsídio às exportações, impondo cotas e taxas sobre produtos importados, ao passo que

no Brasil, em meados da década de 1980, reduzia o apoio à agricultura, abrindo seu comércio às importações.

As oscilações do agroalimentares no Brasil acontecem geralmente em espaço de tempo curto e com pouca intensidade, onde a presença de diferentes níveis tecnológicos amenizam estes impactos quando em comparação com outros setores com amplo uso de tecnologia. O estímulo para o investimento em tecnologias está diretamente ligado ao aumento da demanda. A baixa elasticidade da demanda leva a concentração do mercado e a diversificação da oferta onde a renda é mais elevada, e leva também a estagnação da oferta às camadas de renda mais baixas (MEDEIROS, 2009).

Como salienta Rangel (1985), o BNDES , quando do II PND, teve papel fundamental para superação da crise com políticas públicas voltadas a linha de crédito, dando ênfase a economia interna, hoje ainda são oferecidas linhas de crédito, mas essas vem ao longo do tempo causando um endividamento dos produtores em número crescente.

Para os produtores da região, a entrada de cebola importada representa um impedimento a comercialização por um preço maior. Nos dois últimos anos a cebola atingiu preços mais elevados na região por sucessivas quebras na produção, porém há uma perspectiva de super safra na região e nos demais países produtores de cebola, e uma previsão de preço baixo para a comercialização, estimado no valor de R\$0,25 o quilo de cebola, e quanto a este fato, tanto Ricardo quanto Júlio afirmam que não haverá compra de cebola importada, devido ao preço baixo do produto nacional, apenas quando esta terminar o período de comercialização, pois como já citado acima, a Europa tem condições de produção e armazenamento para comercializar o produto durante todo o ano.

O produtor Valdemiro Lauro da Silva, produtor de cebola em SPDH em Alfredo Wagner, levanta a questão do custo de produção da cebola na região: “Eu não me vejo ameaçado por importação, pelo trabalho que a gente faz com redução de custos, então o quem está sendo prejudicado hoje são os produtores que estão gastando uma fortuna para produzir um pouco de cebola, não estão conscientes que não é a quantidade, é como produzir cebolas mais baratas”.

O aumento do custo de produção é confirmado pelo comerciante Ricardo, como já exposto acima. Com um custo de produção alto, o produtor precisa comercializar seu produto também por um valor mais alto, não o tornando competitivo com a produção europeia de custo baixo. Por esse fato, pode-se supor que mesmo com um taxa de

cambio alta, mais despesas de frete e taxas portuárias ainda é um cenário propício à entrada da cebola importada, o seu baixo custo de produção a torna muito competitiva no mercado mundial.

Há um consenso entre todos os entrevistados, que é o fato do custo baixo de importação da cebola, todos abordam o fato de não haver cobrança de ICMS- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços, o que acrescentaria um taxa de 35% no valor da importação como acontece com o alho. Todos os entrevistados citam que com isso, criaria uma situação de valorização da cebola nacional.

Outro fator que salienta a força comercial da cebola europeia é o subsidio governamental à produção de cebola, dando garantias de venda e preço mínimo para estimular a produção em seus países. Também foi unanime em todas as entrevistas que o governo brasileiro deixa a desejar nessa questão, os produtores não se veem representados pelos governantes na defesa de um interesse comum, sendo reafirmado e confirmado por Paulo Cesar, Secretário de Agricultura de Alfredo Wagner e vereador de Alfredo Wagner: “Aqui em Santa Catarina nós temos um deputado que é agricultor, deputado estadual, nós temos um no meio de quarenta, e ele é um cara que está defendendo, mas muitas vezes as coisas não passam porque é um defendendo sozinho”.

Figura 6: Resumo dos impactos positivos e negativos da importação de cebola europeia sobre as regiões de produção de cebola de Santa Catarina.

Fonte: Lucinéia de Abreu, 2016.

IMPACTOS NEGATIVOS	<ul style="list-style-type: none"> - Impedimento da valorização do produto nacional, pois o produtor não consegue vender sua produção a um preço mais elevado. - Custo elevado da produção nacional não a torna competitiva perante a cebola europeia, que tem um custo de produção baixa pelo maior uso de maquinários na produção.
IMPACTOS POSITIVOS	<ul style="list-style-type: none"> - Em anos de quebra como as que aconteceram em anos passados, a cebola europeia se torna uma alternativa no mercado nacional. - Evita que a cebola chegue ao consumidor final a um preço muito elevado, incentivando o consumo do produto.

A importação traz impactos negativos (Figura 6), porém podem ser contornados com investimentos em pesquisa e melhoramento, tanto do produto (cebola), quanto da

cadeia de produção, buscando meios de que nenhuma das partes envolvidas sejam prejudicadas.

As políticas públicas para o setor da cebolicultura devem priorizar os interesses do produtor, reduzindo o custo de produção através das melhorias dos métodos e das tecnologias incorporadas à produção, podendo assim obter maior lucro ao final da safra, além do consumidor ter acesso a um preço mais acessível, incentivando o consumo de cebola.

Porém, nos anos em que a produção não for a esperada a cebola importada poderá continuar sendo uma alternativa para manter o preço atrativo ao consumidor final.

Conclusões

As condições naturais, o tipo de colonização, a evolução das técnicas agrícolas adotadas e as políticas públicas aplicadas foram determinantes para o desenvolvimento da região produtora de cebolas nos municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner.

As políticas públicas estimularam, sobretudo, a partir da quarta dualidade a inversão de tecnologias através das pesquisas realizadas pela Epagri, estimulando a formação do principal polo produtor de cebola no Brasil.

Fica evidenciado o fato de a cebola europeia causar desconforto aos produtores locais, pela inibição do aumento do preço de comercialização de seu produto final, ao passo que os mesmos não acham justo o consumidor pagar um valor extremamente alto pelo produto no supermercado.

A região onde se situam os municípios de Ituporanga e Alfredo Wagner vem de algumas quebras severas de produção e a cebola importada freou o aumento do preço do produto ao consumidor final, não deixando o produto faltar nas prateleiras, porém em anos de super safra como se tem expectativa para este ano, o preço pago ao produtor será muito baixo.

Com o custo elevado de produção no Brasil o produtor pode não ter o retorno financeiro esperado pela alta oferta do produto, como as condições de armazenamento dos produtores europeus são muito superiores, a super safra acaba se tornando um problema exclusivo da produção brasileira, visto que os produtores europeus podem comercializar seu produto durante o ano todo.

A falta de incentivos e representatividade governamental deixa produtores insatisfeitos, porém a falta de mobilização conjunta dos produtores pode ser um empecilho na busca de melhores garantias para suas produções.

Assim, conclui-se que a importação brasileira da cebola europeia, sobretudo holandesa e espanhola: 1) desvaloriza os preços da cebola produzida no Brasil; 2) dificulta a competitividade enfraquecendo os produtores brasileiros de cebola; 3) em anos de quebra de safra, a exemplo dos dois últimos anos, torna-se uma alternativa positiva, pois disponibiliza preços mais competitivos para o mercado interno; 4) reduz o valor do produto no varejo, beneficiando o consumidor brasileiro.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, C. **Gerenciar Custos é o que Garante Lucro com a Cebola**. Alto Taquaral. Site ClickNotícia. Ed 13. Mar. 2007.

CEPA. Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. **Safra catarinense mantém praticamente estável a área plantada**. Epagri. 2014. Disponível em: http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=6719. Acessado em outubro de 2014.

EPAGRI. **Catálogo de Cultivares 2013/2014**. Disponível em <http://pt.slideshare.net/ruralpecuariapecuaria/epagri-catlogo-de-cultivares-201314>. Acessado em outubro de 2016.

FOLTRAN, M. **Porque a Cebola Faz Rir em Santa Catarina**. CLIC RBS. Disponível em http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_cebola/#abre. Acessado em Setembro de 2016.

FREEMANN, C. **La Teoría Económica de la Innovación Industrial**. Madrid, Alianza Editorial. Cap. 08. P. 255-269. 1975.

GONÇALVES, J.S. et al. **Agricultura Continental Brasileira: Reflexão Sobre a Diversidade de uma Totalidade Complexa**. Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária. P. 09-15. Dez. 2008.

HOA- **Holland Onions Association**. 2016. Disponível em <http://www.holland-onions.org/pt/in-cio> Acessado em outubro de 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Temporária**. Disponível em: Acessado em outubro de 2016.

ISLA SEMENTES. **O Balanço da Cebola**. Disponível em https://isla.com.br/cgi-bin/news_noticias.cgi?id_artigo=475/O-balan%E7o-da-cebola. Acessado em setembro de 2016.

MEDEIROS, M.C. **A Geografia Econômica do Setor Agroalimentar Brasileiro: Investimentos, Recursos Ociosos e Dinâmica Cíclica (1990-2007)**. São Paulo. 2009.

NUNES, S. **Importação de cebola preocupa produtores**. Diário do Alto Vale. Jun. 2016.

PELUSO JÚNIOR, V.A. **A Cidade de Ituporanga**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, CNG. Diretório Regional do Estado de Santa Catarina. Série 1: Publicação 1. 1952.

PEZENTI, R. **Importação de Cebola: governo garante apoio aos produtores brasileiros**. 2012. Disponível em <http://www.radio1047.fm.br/noticia-abrir.php?uid=5346>. Acessado em setembro de 2016.

PREBISH, R. **El Desarrollo Económico de la América Latina y Algunos de sus Principales problemas**. CEPAL. Nações Unidas. [s.d.].

PREFEITURA DE ITUPORANGA. **História de Ituporanga**. Disponível em <http://www.ituporanga.sc.gov.br/cidade/historia.html>. Acessado em Setembro de 2016.

RANGEL, I. **Economia: Milagre e Anti-milagre**. Sindicato Nacional dos Editores de Livros- Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. P. 7-93. 1985.

SALOMÃO, R. **Baixa oferta interna faz importação de cebola disparar em janeiro**. Hortifruti. Revista Globo Rural. Fev. 2016.

SCHMITT, D. **Panorama da Produção e Mercado de Cebola no Brasil: Jornada Hortícola- Resultados del monitoreo de cebolla y panorama de mercados**. Epagri. 2016.

WAIBEL, L. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. P. 224-243. Rio de Janeiro. 1958.